

A (DES) COLONIZAÇÃO DO OUTRO: O DISCURSO RELIGIOSO E SUA INTERPELAÇÃO NO SUJEITO DE JOHN ALLEN CHAU SOBRE OS ÍNDIOS SENTINELA DO NORTE

THE OTHER'S (DE)COLONIZATION: RELIGIOUS DISCOURSE AND ITS INTERPELLATION ON JHON ALLEN CHAU'S SUBJECT REGARDING THE INDIGENOUS PEOPLE IN THE NORTH SENTINEL ISLAND

Carolina Pinheiro Barros **1**
Silvânia Siebert **2**

Resumo: Este artigo está fundamentado num entendimento de como os dispositivos de poder, embasados pela religião protestante, atingem e sistematizam a produção e reprodução de subjetividades no sujeito de forma singular. John Allen Chau (JAC), um ativista religioso, foi morto no dia 28 de novembro de 2018, ao tentar catequizar índios isolados da ilha de Sentinela, na Índia. Este acontecimento permitiu analisar os efeitos de sentidos do discurso religioso a partir da noção de posição-sujeito de JAC confrontando com a posição-sujeito (não religioso) dos Sentinela do Norte. A materialidade discursiva constitui-se de recortes registrados por John Allen Chau em seu diário de bordo, e que posteriormente, foram publicados pelos jornais: The Washington Post, BBC News e na rede social Instagram.

Palavras-chave: Discurso Religioso. Interpeleção Ideológica. Subjetividade.

Abstract: This paper tries to understand how the power mechanisms, sustained by the Protestant religion, singularly reach and systematize the production and reproduction of subjectivities in each subject. In November 28, 2018, a religious activist called John Allen Chau (JAC) was killed while trying to catechize the isolated natives in the North Sentinel Island, India. Such occurrence allowed us to analyze the sense effect of the religious discourse between the subject-position in JAC and the Sentinelese's non-religious subject-position. The discursive materiality consists of excerpts registered by John Allen Chau in the ship's log and later published in The Washington Post, BBC News, and Instagram.

Keywords: Religious Discourse. Ideological Interpellation. Subjectivity.

Doutoranda em Ciências da linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina- Unisul. Bolsista da Fundação de amparo à pesquisa de Santa Catarina (FAPESC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9228806220911389>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6031-0620>. E-mail: callinda20@gmail.com **1**

Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – Universidade do Sul de Santa Catarina. Doutora em Linguística Aplicada e do Curso de Comunicação Social da Universidade do Sul de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0302246999348135//>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7852-0968>. E-mail: silvania@cinemamaistv.com.br **2**

Introdução

Esse artigo propõe reflexões sobre o discurso religioso protestante, como uma instituição de poder que atua na interpelação do sujeito, tomando como corpus de análise a história de vida de John Allen Chau. Um ativista religioso protestante, membro das missões da *All Nations*¹. A ilha Sentinela do Norte foi a escolhida para a missão de John Allen Chau (JAC) como local para converter os habitantes para a fé cristã. Seguindo o pressuposto de que, para construir uma vida sociável entre os sujeitos, caberia à religião legitimar um lugar destacável nesse empreendimento: o de alienar os nativos em fiéis pela fé em um deus.

No dia 18 de novembro de 2018, a morte John Allen Chau, estampou várias manchetes internacionais, pelo fato de ele tentar divulgar o evangelho a um grupo étnico isolado, os Sentinelas do Norte, numa ilha parte do arquipélago de Andaman e Nicobar, na Baía de Bengala, no Oceano Índico, situada há mil quilômetros de qualquer porto na Índia continental. De acordo com Ayeshea Perera, a editora do serviço mundial hindi da BBC News “eles são tão desconhecidos que até mesmo na própria Índia pouco se sabe sobre sua existência”.²

Para atingir os objetivos deste artigo, recorreremos à noção de recorte, entendida como uma unidade discursiva, para sistematizar a análise discursiva (ORLANDI, 1984). A partir de recortes extraídos dos jornais (on line) *The Washington Post* e *BBC News*, da rede social *Instagram* e do diário de bordo de JAC, registrados dias antes da sua morte, buscaremos identificar como se dá o processo de subjetivação do sujeito JAC. Procuramos analisar os efeitos de sentido do discurso religioso no sujeito. Para tanto, observamos algumas configurações referentes ao processo de subjetivação do sujeito-religioso por sua relação com o “Estado” (aparelho ideológico) para confrontá-las com os direitos do povo indígenas Sentinelas do Norte.

Fundamentam este estudo as noções de discurso, sujeito e religião a partir das leituras de Althusser (1980), Orlandi (1984, 1987; 2013) e Charaudeau (2013). Sobre os temas protestantismo e o capitalismo destacamos as leituras de Weber (2004) e Marx (2020).

Discurso e sujeito

É por meio da Análise de Discurso (AD), que concebemos a língua como mediação necessária entre o homem, sua realidade natural e social constituídas na história.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2009, p.15).

Ao se fundamentar, também, no materialismo histórico, a AD considera que os sujeitos não controlam todos os sentidos dos enunciados. Dessa forma, o discurso é concebido como a materialização das ideologias. Falar de ideologia é atestar que “não há sentido sem interpretação” (ORLANDI, 2009, p. 45). Não há ideologia sem prática e sem sujeitos, uma vez que somos estabelecidos por partes constituintes de um efeito de interpelação, para poder, então, serem produzidos os dizeres.

A religião se concebe por meio da ideologia: os sujeitos são livremente submetidos a crer em algo imposto a eles. Ou seja, promove-se o livre-arbítrio, mas a forma coercitiva é camuflada. Coerção aqui não é tratada de uma maneira física; é dada como papel da ideologia, que mostra o poder nesse domínio da palavra. Podemos afirmar que o discurso religioso (DR) ganha um caráter “como aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre - ou do pregador,

¹ All Nations é uma missão independente, evangélica e Inter denominacional que treina leituras bíblicas. Seu objetivo é treinar estudantes em missão transcultural. Disponível em: <https://www.allnations.ac.uk/>. Visto em 24, jan.2019.

² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46325758>. Acesso em: 18 fev. 2019.

ou em geral, de qualquer representante seu - é a voz de Deus” (ORLANDI, 2003, p.242-243, grifo do autor). Assim, os discursos religiosos são representados por sujeitos menores que se reportam ao ser Supremo (Deus).

Na ideologia do discurso religioso, sempre haverá um Sujeito supremo, interpellando os outros sujeitos. Assim, como assegura Althusser (1980, p. 109):

[...] Deus precisa dos homens, o Sujeito precisa dos sujeitos, como os homens precisam de Deus, os sujeitos precisam do Sujeito. Melhor: Deus, o grande Sujeito dos sujeitos, precisa dos homens, até na tremenda inversão da sua imagem neles (quando os homens mergulham no deboche, isto é, no pecado).

Esse modo de como a história interpela ideologicamente o sujeito-índio, intervém nessa subjetividade ligada à língua e à história propriamente dita³.

Do Protestantismo histórico às missões modernas: tudo em nome da fé

O ponto central da crítica da religião em Marx tem como base, em um primeiro momento, criticar a filosofia idealista, que, até então, se apresentava como uma religião. Logo, fez uma crítica à alienação humana, concebida em forma ideológica a religiosidade; e por fim, criticou o Capital, por tomar o lugar do sagrado, por fazer os sujeitos sucumbirem sua fé, através de doações monetárias.

Em 1844, Marx publicou dois trabalhos importantes sobre a religião – *Introdução a uma Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* e *A Questão Judaica*. No primeiro livro, Marx analisa a situação das ideologias religiosas, fruto de uma inércia política que assola a Alemanha, onde o homem está por si, desamparado e protesta contra esse isolamento. No pensamento de Marx ocorre, justamente, ao contrário, pois o mesmo representaria a condição de saída das massas oprimidas; seria uma grande conquista da emancipação humana, desfazer-se da alienação promovida por opressões ideológicas inconscientes e camufladas de fé. Nesse pensamento Marx afirma que:

E a religião é de fato a autoconsciência e o auto sentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o homem não é um ser abstrato, acorçado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu point d'honneur⁴ espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação. Ela é a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião (MARX, 2010, p.145).

No século XX, estudos sociológicos ligados às crenças religiosas e à economia são de-

3 Embora, o fato tenha ocorrido na Índia, não se deixa escapar as regularidades desse acontecimento no Brasil, uma vez que estes sujeitos índios sempre foram apagados da sua própria história, como contam a maioria dos livros que retratam sobre a História do Brasil, o descobrimento começa com o português, nunca com os índios.

4 “Ponto de honra” (N.T).

envolvidos por Max Weber, no livro *A Ética Protestante do Capitalismo*, defendendo a tese de que o protestantismo foi o fenômeno religioso que mais se expandiu nas últimas décadas no âmbito mercantilista. Essa ética protestante servia, justamente, para manipular, por meio do puritanismo (sua marca ideológica), o sujeito religioso em não consumir desenfreadamente o seu capital com supérfluos. Na concepção de Weber, a aceitação de Deus, não estaria ligado intrinsecamente ao moralismo, mas sim à posição hierárquica do sujeito exercida na sociedade. Então,

[...]o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantando a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna a sua “vocalização profissional” (WEBER, 2004, p.72, grifo do autor).

Nessa reflexão, esse ato de fé, por meio do trabalho lícito e não mundano, é a única garantia de estar agradando a Deus, a fé é o que rege a base natural da vida. Foi, precisamente, essa fé dividida no contexto do Oriente e Ocidente, desde os séculos XVI e XVII. A predestinação considerada o dogma mais relevante fundada pelo Calvinismo, legitima o fato de que para haver a distribuição das riquezas, os mais prósperos deveriam ajudar aos mais necessitados.

A figura do pastor, nas igrejas evangélicas, cria um imaginário de que eles mobilizam um tipo de relação carismática considerada a condução divina em torno de um valor simbolicamente sagrado, por meios dos seus discursos. Curar a dor e o sofrimento pela fé configura-se a base da doutrina do novo pentecostalismo. Onde a produção de sentidos é o céu e o inferno que sempre se duelam. Contudo, essas convicções centrais do pentecostalismo, se incorporam a extrema busca de salvação e o mandato de compartilhar a própria fé.

Pode-se asseverar que, em relação ao discurso, Orlandi relaciona o discurso religioso ao discurso missionário na cultura ocidental. No qual sujeito-religioso é constituído como:

aquele que é falado por Deus. O discurso divino – eterno, já sempre lá – se realiza pela sua total adesão. Ele reflete em si a palavra divina no sentido do espelho. Como, na ordem do discurso religioso, o sujeito se marca pela *submissão*, isto propicia múltiplas espécies de manipulação. Mesmo porque podemos ver a religião como forma de controlar a agressividade desconhecida. E, nesse caso, converter é “pacificar” (ORLANDI, 1987, p. 15, grifos do autor).

O intuito de compartilhar o evangelho, soa como uma espécie de alienação para civilizar os sujeitos não-religiosos, que não possuem a mesma cultura e que habitam em terras inóspitas para conhecer o criador de todo o universo.

A Interpelação do sujeito John Allen Chau

“Eu gritei: ‘Meu nome é John, eu amo vocês e Jesus ama vocês’⁵.”

5 “My name is John. I love you, and Jesus loves you”. Retirado do relato de John Allen Chau em 16 de novembro de 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/religion/2018/11/28/slain-missionary-john-chau-prepared-much-more-than-we-thought-his-case-is-still-quandary-us-missionaries/?utm_term=.794b01d670e1. Acesso em: 28 jan. 2019.

Esse é um dos últimos relatos de John Allen Chau (JAC), 27 anos, nascido em Washington-DC, formado em teologia pela Universidade cristã Oral Roberts, treinador de futebol e alpinista. Um missionário ativo integrado à organização cristã *All Nations*⁶, cujo a missão era propagar o evangelho aos grupos mais remotos do mundo. Participava de muitas missões religiosas em diversos países. Fazia também parte de voluntariados em programas de futebol no Iraque e na África do Sul.

Os relatos dos jornais contam que, JAC se mostrava um exímio leitor de livros bíblicos e se aventurava nas leituras de culturas desconhecidas, como a história de Robinson Crusoe. Ao longo do tempo, Jesus Cristo e David Livingstone foram considerados seus maiores ídolos. Imerso nesse contexto sócio-histórico e religioso de JAC, essas influências ganham cada vez mais representação simbólica entre memória e subjetividade. Processo discursivo constituído sócio-historicamente a partir de representações formuladas no imaginário do sujeito ao longo do tempo ganham forças na narrativa de JAC e se tornam desejos a serem alcançados.

Com este funcionamento o controle ideológico se manifesta numa práxis social em que o sujeito cria uma realidade simbólica conforme suas condições reais de existência, cria também, conceitos de verdade, normas e regras e os projeta dentro de sua posição (lugar) para uma posição externa, no mundo. Na figura abaixo, veremos uma foto retirada da rede social de JAC, em um dos seus hobbies favoritos, o de explorar a natureza.

Vejamos, a partir do recorte discursivo aqui delimitado como JAC é definido na sua rede social *Instagram*.

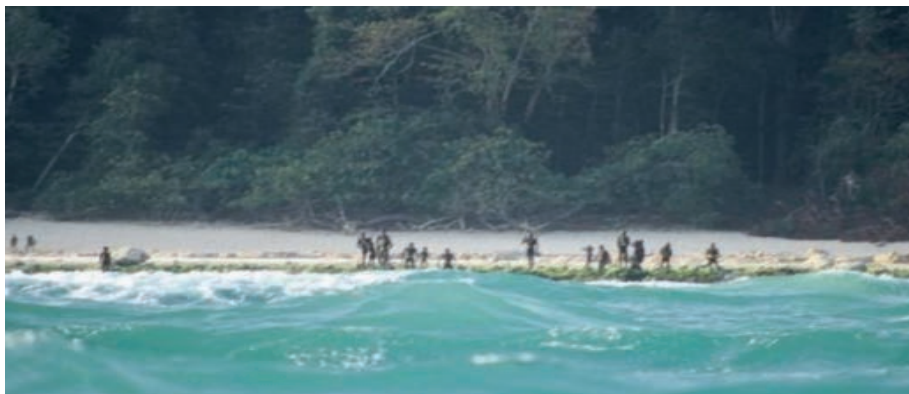
Figura 1: John Allen Chau num dos seus hobbies, explorar a natureza



Fonte: CHAU, John Allen: Instagram: @johnachau. Disponível em: <https://instagram.com/johnachau?igshid=1rnve3n3x5xmf>. Acesso em: 09 jan. 2021.

⁶ Disponível em: <https://www.allnations.ac.uk/>. Acesso em: 29 jan. 2019.

Figura 2: Foto da Tribo dos Sentinelas do Norte

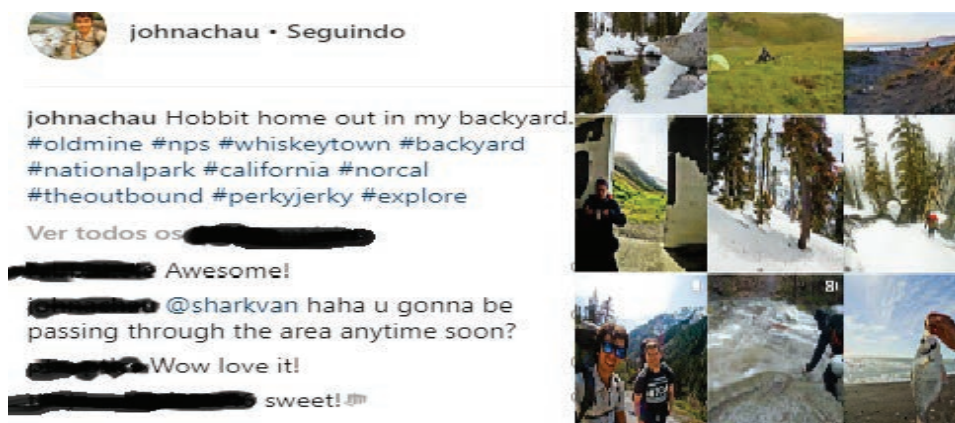


Fonte: O mistério da morte de John Chau, o americano recebido a flechadas por aborígenes ao entrar em ilha proibida. BBCNEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-46300759>. Acesso em: 09 jan. 2021.

O contexto das imagens 1 e 2 diz respeito à identidade de cada sujeito, partes constituintes desse artigo. O primeiro recorte foi retirado da conta particular de JAC, na rede social *Instagram*. Já a segunda imagem foi uma das poucas fotos tiradas do povo Sentinelas.

De um lado, vemos que há um sujeito interpelado por uma identidade cultural ocidental. JAC adota identidades divergentes dentro de algumas circunstâncias. Por exemplo, JAC possuía uma conta no Instagram com 20.000 seguidores, onde a maioria das imagens mostram a paixão por aventuras, pela natureza, por campeonatos de futebol, somando-se às suas missões em vários países, inclusive na Índia. É interessante a observação dos comentários de seus seguidores, percebe-se que há um carinho, um respeito. Projetavam-no como um ser agraciado por Deus.

Figura 3. JAC nas suas aventuras e alguns comentários de seus seguidores.



Fonte: CHAU, John Allen: Instagram: @johnachau. Disponível em: <https://instagram.com/johnachau?igshid=1rnve3n3x5xmf>. Acesso em: 09 jan. 2021.

Para o sujeito ocidental, essa imersão em várias redes sociais é o mesmo que assumir várias identidades, como forma de alteridade (eu não sei o que eu sou, eu preciso do outro para que ele me fale o caminho a ser tomado). Dito de outro modo, isso faz parte da identidade do sujeito contemporâneo. De acordo com Maffesoli (2001, p.77) “esse momento de vibração comum, de sensação partilhada, é o que constitui o imaginário”. É o que vemos nos comentá-

rios dos seguidores de JAC: são de sujeitos que se identificam com os mesmos propósitos de JAC. Em meio a isso JAC também se vê como um ser interpelado por Deus.

Na outra imagem estão os nativos, o que se sabe sobre a tribo dos Sentinelas do Norte que é considerada a última pré-neolítica da terra, de descendência oriunda de uma migração da África há uns 60 mil anos. São índios caçadores e coletores do seu próprio cultivo. Eles andam com flechas e se mantêm arredios a qualquer forma de aproximação; vivem isolados na Baía de Bengala, localizada no Oceano Índico, entre Índia e Myanmar. Estima-se que sua população possui de 100 a 150 habitantes e não tem nenhum tipo de convívio com a outra sociedade, dita como a “civilizada”. De acordo com a reportagem da BBC:

Em 1974, um diretor de cinema que visitou o local recebeu uma flechada em uma perna. Sua equipe tentava filmar um documentário para a Nacional Geographic. Após o tsunami de 2004, que afetou a bacia do Oceano Índico, autoridades da Índia usaram helicópteros para verificar a situação da tribo e foram recebidas com flechas.⁷

A língua deles é diferente do povo indiano e se assemelha aos povos Jarawa⁸ Outro fato bem importante sobre os Sentinelas é que o contato com outras etnias pode dizimar toda a população por eles não terem imunidades suficientes contra enfermidades da sociedade ocidental.



Fonte: He lost his mind': Slain missionary John Allen Chau planned for years to convert remote tribe. The Washington post. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/national/he-lost-his-mind-slain-missionary-john-allen-chau-planned-for-years-to-convert-remote-tribe/2018/11/27/eb13d7ad-4685-4748-951b-790d671f655d_story.html?utm_term=.c985e45d41b2. Acesso em: 13 mar. 2018.

A partir do recorte acima, vemos os efeitos de sentido produzidos pela mídia funcionando “ele perdeu a cabeça”, fazendo do acontecimento de John Allen Chau outros possíveis efeitos de interpretações⁹, como o de ser uma pessoa com problemas mentais. Para a AD, o mundo é significado por símbolos, não há uma ligação direta do homem com o real da língua. Isso significa que para chegar à linguagem o sujeito se significa e dá sentido ao mundo através da interpretação. Isso significa que interpretar não é apenas um processo de decodificação,

⁷ “My name is John. I love you, and Jesus loves you”. Retirado do relato de John Allen Chau em 16 de novembro de 2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/religion/2018/11/28/slain-missionary-john-chau-prepared-much-more-than-we-thought-his-case-is-still-quandary-us-missionaries/?utm_term=.794b01d670e1. Acesso em: 28 jan. 2019.

⁸ Disponível em: <https://www.survivalbrasil.org/povos/jarawa>. Acesso em: 28 mar. 2019.

⁹ Neste artigo o conceito de “interpretação” para a AD, está concebido em Orlandi em: Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 1998.

mas uma forma de criar inúmeras possibilidades de sentidos.

Para Charaudeau (2013), todo acontecimento se torna uma notícia,

o tipo de modo discursivo transforma o acontecimento midiático em notícia atribuindo-lhe propriedades que dependem do tratamento geral da informação. Os modos discursivos organizam-se em torno de três categorias de base definidas anteriormente: “relatar o acontecimento”, “comentar o acontecimento”, “provocar o acontecimento”. Isso permite distinguir, por exemplo, a reportagem (“acontecimento relatado”), o editorial (“acontecimento comentado”) e o debate (“acontecimento provocado”) (p. 207, grifos do autor).

Ainda no pensamento do autor, a linguagem opera com os elementos constitutivos dos efeitos de sentido. Há uma imbricação de sentidos, entre a estrutura e o acontecimento. Embora a história seja contada e repassada com relatos de dominação pela língua, deixadas na memória escrita, prevalece uma tendência de representação ressignificada pelo outro e pela ideologia do outro como se associa ao título desse Jornal.

Nesses recortes, nota-se uma relação de poder e subjetividade estabelecida de acordo com as condições de produção de cada sujeito/cultura, ou um sujeito/materializado ideologicamente numa luta de classe entre dominante x dominador, ou sujeito (religioso) x sujeito (não-religioso). Ou seja, ele assume uma posição que é constituinte da posição-sujeito dele, onde a subjetividade está inscrita intrinsecamente no inconsciente. É no inconsciente desse sujeito que a autoafirmação depende sempre de um reconhecimento, e por muitas vezes duelam entre a projeção real e simbólica, o inconsciente por sua vez é singular de cada um. Além do mais, é no simbólico que as práxis sociais são construídas e constituídas,

O conhecimento humano é por sua própria natureza um conhecimento simbólico. É este traço que caracteriza tanto a sua força como as suas limitações. E, para o pensamento simbólico, é indispensável fazer uma distinção clara entre real e possível, entre coisas reais e ideais. Um símbolo não tem existência real como parte do mundo físico; tem um “sentido” (CASSIRER, 1994, p. 96-97, grifo do autor).

Essa relação de poder subjetiva de JAC, incorporada socialmente, é tida como: dominante, institucionalizada dentro de regras educativas, religiosas, jurídicas, dentre outras regras. Em conformidade com esse pensamento, Orlandi afirma que:

Como a sociedade, tal qual ela se apresenta hoje, é dividida, o sentido distribuído não é só múltiplo ele está despedaçado e a aparência de unidade é dada pelo sentido garantido, o sentido sedimentado, institucionalizado, o dominante. Se a ideologia dominante coloca, então, certos pressupostos, certos implícitos, é preciso interferir na constituição dos sentidos assim construídos (ORLANDI, 2003, p. 32).

No tocante ao discurso de JAC: “Deus quem tomará meu lugar se eu partir?” esse enunciado de poder caracteriza um possível acordo com o sagrado e os homens. Há um acordo de que espalhar a palavra de Deus aos que não o conhecem, visando a uma verdade absoluta que faz com que ele se igual ao ser Supremo.

Como lidar com os conflitos da experiência humana senão com a “ilusão da reversibilidade” (cf. Orlandi, E.,1983), aquela que justamente vai possibilitar esta passagem intermitente do

religioso para o jurídico e vice-versa, permitindo ao profeta falar como se fosse Deus, em lugar de Deus?" (ORLANDI, 1987, p. 32).

Nesse trecho relatado por JAC "Senhor, esta ilha é a última fortaleza de Satanás, onde ninguém ouviu ou teve a chance de ouvir o seu nome?"¹⁰ marca que a religiosidade dele é a dominante, é a única a ser seguida. Já a do povo do Sentinelas, tem de ser dominada, apagada, substituída por um só Deus.

Por fim, o discurso religioso cristão protestante recria no sujeito essa representatividade da simplicidade da vida, abnegando outras formas de viver, assujeitando-se somente ao sagrado, e muitas vezes rejeitando o próprio homem dentro da sua "unicidade" (sem ideologias e poder econômico), numa espécie de fuga da realidade, de resistência, conforme vemos no recorte:

BBC Menu

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda

O mistério da morte de John Chau, o americano recebido a flechadas por aborígenes ao entrar em ilha proibida

22 novembro 2018

f WhatsApp Twitter Email Compartilhe

Ele teria levado presentes para os aborígenes, incluindo uma pequena bola de futebol, linha de pesca e tesoura.

Fonte: Sentinela: como vive a tribo isolada da Índia que matou um jovem aventureiro americano com flechas. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46325758>. Acesso em: 20 fev. 2019.

Neste enunciado, do dia 22 de novembro de 2018, registra-se que, o relato deixado por JAC aponta o ocorrido no passado e a possibilidade de um futuro, assim como não existiria a história sem os discursos, tampouco os sentidos seriam construídos sem esses discursos. Como a história é contada e repassada como relatos de dominação pela língua deixadas na memória escrita, prevalece uma tendência de representação do sujeito ressignificado pelo outro e pela ideologia do outro.

Nesse sentido, relacionando o acontecimento de analisamos com a colonização do Brasil, iniciada em 21 de abril a 1º maio de 1500, atestada pelo relato de Pero Vaz de Caminha ao El-Rei Dom Manuel de Portugal, em forma de crônica.

Na Idade Média, os espanhóis e os portugueses, no período das circunavegações, faziam uso do gênero para relatarem os acontecimentos durante as viagens; assim, as crônicas serviam de registro para os descobrimentos de outras terras no Novo Mundo. [...] No início do século XVI, o funcionamento da crônica tem relação estreita com a narrativa de viagem, com os testemunhos das conquistas "além-mar"; nesse caso, os registros traziam a descrição pormenorizada do cenário e dos sujeitos encontrados em suas viagens. E o cronista se coloca na posição de um observador da cena histórica" (SIEBERT, 2014, p. 676-677).

¹⁰ Um dos trechos relatado por JAC. Retirado: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/28/internacional/1543424988_216394.html. Acesso em: 17 fev. 2019.

Analogamente à carta de Pero Vaz de Caminha, JAC relata sua viagem, dia-a-dia, de como este se sentia ao desbravar os povos Sentinela considerados selvagens. Das suas quatro tentativas de chegar até às Ilhas Andaman, todas fracassaram. Esses registros estão disponíveis no diário de bordo de JAC¹¹.

Em outro trecho do diário, JAC fala sobre a forma de aproximação em uma das visitas fracassadas, em que foi oferecido aos nativos presentes como peixes e linhas de pesca. Isso nos remete a um fato histórico do “primeiro contato” entre os colonizadores e os índios aqui no Brasil. Esse momento mostrava a intencionalidade de se pertencer ao outro, numa alteridade, como forma de apropriação do outro, pelo poder de dominação. Dentre as tentativas de aproximação dos portugueses.

Nesta configuração, outra passagem histórica nos remete além da confluência cultural entre dois povos divergentes (JAC x Sentinelas), expressa-se somente a posição-sujeito de JAC ao incutir a sua religiosidade, e de outro lado revigora uma opacidade histórica de um povo que prefere se manter isolado, sem contato com outros povos.

Considerações Finais

Neste artigo, foi proposto desenvolver reflexões sobre o discurso religioso protestante, conforme vimos nos recortes analisados da história de vida de John Allen Chau. Também buscou-se analisar a interpelação pela ideologia religiosa de JAC sobre a tribo dos Sentinelas do Norte, ao tentar evangelizá-los pela terceira vez consecutiva. JAC deixa marcado em seus relatos, no diário e no Instagram, marcas ideológicas da sua religiosidade, sobretudo de sua subjetividade ao que entendia por viver uma vida baseada na fé, em sua religião que era o protestantismo. Marca nos enunciados analisados que a religiosidade dele é a dominante, é a única a ser seguida. Ocupa uma posição sujeito de um ser que representa o senhor, o ser Supremo. Sendo somente possível sua fé e sua visão de mundo.

Acreditamos que este trabalho contribua com futuras pesquisas que envolvam os temas discurso e religião. Por apresentar questões ligadas à subjetividade que são constitutivas do sujeito e por conseguinte importantes para os estudos sobre Análise de Discurso.

Nos recortes analisados vimos que o dia 18 de novembro de 2018, marca a tragédia anunciada a JAC. Esse acontecimento foi divulgado nos jornais The Washington Post, BBC News, entre outros, relatando a invasão do espaço pertencente aos Sentinelas do Norte por JAC, e suas primeiras tentativas de chagada na ilha até o dia de sua morte. O seu corpo não pode ser resgatado porque a área da ilha é protegida por lei. Só se pode chegar 400 metros da Ilha de Adamans. Embora seu ato missionário, tido por uns como um ato corajoso, por outros um ato de loucura, uma vez que todos os indianos sabem que os Sentinelas do Norte vivem isolados há muitos anos. Eles são preservados por leis e pelo Estado, não aceitam o convívio com outros povos. Mesmo diante destas condições adversas JAC colocou-se na posição de missionário eleito pelo senhor. Seria ele o responsável em livrar a ilha do domínio de Satanás. Sua tática de abordagem nos remeteu a 1500, como fora o processo sócio-histórico de conquista do Brasil, a colonização dos portugueses sobre os indígenas. A tentativa de se apropriar da fé, da cultura e prática de vida do Outro, como se fosse a diferente, fez com que apague até certo ponto as diferenças entre esses povos.

Diferentemente do que ocorreu no Brasil os habitantes da ilha Sentinelas do Norte permanecem isolados, guiados pelo seu próprio Deus, resistem aqueles que de algum modo tentam alcançá-los pelo mar, pela fé e pela religião.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins, 1980.

CASSIRER, Ernst. Fatos e ideais (1944, 1972). In: _____. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes,

¹¹ Disponível em: <https://assets.documentcloud.org/documents/5302048/John-Allen-Chau-s-journal-pages.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2019.

1994. p. 95-104.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**; Tradução de Ângela M. S. (Corrêa. 2. ed., 2a reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2013.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus; [supervisão e notas Marcelo Backes]. - 2. ed revista. - São Paulo: Boitempo, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. In: Revista Famecos, no. 15, pp. 74-82, 2001.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Segmentar ou Recortar**. Estudos, Uberaba, v. 10, p. 09-26, 1984.

_____. **Palavra, fé, poder**. – Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003. p.239-262.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

SIEBERT, Silvânia. **Crônicas em antologias, suas adaptações audiovisuais e os sentidos: o gênero na formação intercultural discursiva em comunicação social**. 2012. 174 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

Recebido em 25 de setembro de 2020.

Aceito em 20 de outubro de 2020